

## ENTRE A APRENDIZAGEM DA LINGUA FRANCESA E A BELEZA DE UMA LÍNGUA SEGUNDA

**Rose Mary SOARES MAURÍCIO**

*Universidade de Taubaté - Unitau*

## ENTRE A APRENDIZAGEM DA LINGUA FRANCESA E A BELEZA DE UMA LÍNGUA SEGUNDA

### **Resumo**

O presente estudo, orientado pela perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa e pela psicanálise lacaniana, teve como objetivo problematizar a aprendizagem de uma língua estrangeira, a partir das análises das representações que emergem do discurso do sujeito-aprendiz de língua francesa (LF). Tentamos compreender como tais representações incidem no processo de ensino e aprendizagem da língua em questão. Nosso estudo teve também como objetivo questionar e compreender como o lugar ocupado pela língua francesa delimita-se no Brasil em relação a outras línguas estrangeiras presentes em nossa sociedade. Para tal, analisamos, discursivamente, os enunciados formulados por alunos, de uma escola particular de idiomas. Através das análises realizadas, observamos que a necessidade da aprendizagem de uma LE, no nosso caso a língua francesa, em razão das representações, torna-se menos significativa, diante das exigências contemporâneas mais pontuais e objetivas.

**Palavras-chave:** Língua Francesa; Análise do Discurso; Representação; Identidade.

## BETWEEN THE LEARNING OF THE FRENCH LANGUAGE AND THE BEAUTY OF A SECOND LANGUAGE

### **Abstract**

The present study, oriented by the theoretical perspective of the Speech Analysis of the French reasoning line and by the Lacanian Psychoanalysis had aimed to problematize the learning of a foreign language from the analyses of the representations that appear from the French Language speech subject-learner (FL). We have tried to understand how those representations focus on the teaching and learning process of the mentioned language. Our study aimed also to question and understand the place occupied in Brazil by the French language in relation to the other foreign languages in our society. From the analyses accomplished, we have noted that the necessity of learning a FL, in our case the French language, due to the representations, is less meaningful facing the more punctual and objective contemporary requirements.

**Key Words:** French Language, Speech Analysis, Representation, Identity.

## ENTRE EL APRENDIZAJE DE LA LENGUA FRANCESA Y LA BELLEZA DE UNA LENGUA SEGUNDA

### Resumen

Lo presente estudio, orientado por la perspectiva teórica del Análisis del Discurso de línea francesa y por la psicanálise lacaniana, tuvo como objetivo problematizar el aprendizaje de una lengua extranjera, a partir de los análisis de las representaciones que emergen del discurso del sujeto-aprendiz de lengua francesa (LF). Intentamos comprender como tales representaciones inciden en el proceso de enseñanza y aprendizaje de la lengua en cuestión. Nuestro estudio tuvo también como objetivo cuestionar y comprender como el lugar ocupado por la lengua francesa delimitase en Brasil en relación a otras lenguas extranjeras presentes en nuestra sociedad. Para tal, analizamos, discursivamente, los enunciados formulados por alumnos, de una escuela particular de idiomas. A través de los análisis realizados, observamos que la necesidad del aprendizaje de una LE, en nuestro caso la lengua francesa, en razón de las representaciones, se hace menos significativa, delante de las exigencias contemporáneas más puntuales y objetivas.

**Palabras Clave:** Lengua Francesa; Análisis del Discurso; Representación; Identidad.

### 1. INTRODUÇÃO

Primeiramente, este estudo se esboçou a partir da observação, em sala de aula, da ocorrência de manifestações dos alunos que resistiam em pronunciar certas palavras em francês. Essa questão da resistência, associada à da articulação de certos padrões sonoros da língua francesa (doravante LF), poderiam evidenciar situações aparentemente banais, mas que, devido a sua regularidade, chamou particularmente nossa atenção, ao pensarmos que casos como esses revelam ações inconscientes sobre as quais o sujeito não tem controle: “é a força do ideológico, dos valores socialmente adquiridos, das experiências prévias, que se manifesta à revelia do nosso consciente” (CORACINI, 1995, p.32). Atentando para a questão do estranhamento provocado diante do novo universo fonético que o aprendiz experiencia, ao estudar uma língua estrangeira (doravante LE), no caso, a língua francesa, acrescentamos algumas reflexões de Melman (1992) sobre o desejo de mudar de língua estar acompanhado do desejo de guardar a música da outra língua. O autor postula que “um dos elementos que asseguram a identidade daquele que fala uma língua está ligado à música da língua precedente” (MELMAN 1992, p.53). Os estudos de Revuz (1998) destacam essa conflituosa relação da língua materna com a língua estrangeira, quando a autora afirma que esse “momento que ocorre no início do estudo de uma língua estrangeira parece privilegiado para observar como a língua estrangeira vem incidir na relação, amplamente inconsciente, que mantemos com nossa língua fundadora” (op.cit., p. 220-221).

Trilhando esse caminho, observamos que, apesar da aparente necessidade do aprendizado de uma LE, já legitimada em nosso meio, o estudo da LF parece estar sempre em segundo plano se comparado às outras atividades cotidianas desenvolvidas pelo sujeito-aluno. A percepção dessa aparente contradição se deu após observarmos que, de um modo geral, o aluno não se aplica e, muitas vezes, acaba desistindo do curso de francês. Sentimos, então, a necessidade de desenvolver este trabalho que propicia outro olhar sobre a postura do aluno em sala de aula de LF.

Ampliamos nosso escopo inicial de pesquisa de acordo com o qual se pretendeu compreender as razões para a ocorrência da resistência dos alunos em pronunciarem certos padrões sonoros, para

abordarmos algumas regularidades discursivas que permitissem desvelar o modo como a LF vai adquirindo um outro estatuto em razão das representações que se tem dela. A partir dos dados coletados para este estudo, chamou-nos a atenção, no dizer do aluno-aprendiz, um imaginário socialmente compartilhado que associa a LF à cultura e à beleza. Perguntamo-nos por que ocorre a aparente falta de motivação para estudar a LF apesar de ser uma língua admirada por sua beleza e cultura. Outra questão que pudemos notar, a partir da materialidade discursiva, é o “adiamento do momento” de estudar a LF. Esta língua costuma ser estudada no Brasil, como LE, após os estudos de uma segunda LE tais como a inglesa ou a espanhola. O estudo da LF teria um lugar reservado para depois do estudo de outras línguas, consideradas mais urgentes ou úteis. Acrescentamos, então, à problemática deste estudo a questão do lugar da língua francesa como língua estrangeira no Brasil. A questão desse “lugar”, abordada aqui, leva-nos também a considerar essa língua como um lugar que permite ao sujeito (da falta, do desejo) encontrar um substituto para seu objeto de desejo. Há que se considerar que sem desejo não há aprendizado, uma vez que a concepção de sujeito adotada neste estudo é buscada no conceito psicanalítico, que o concebe faltoso, dividido e heterogeneamente constituído. A falta, portanto é a mola propulsora do desejo que, por sua vez, move o sujeito. A noção de identidade baseia-se numa visão de processo em constante deslocamento (HALL, 1999). Tendo em vista que a constituição identitária do sujeito-aprendiz de uma língua estrangeira é foco de nossa pesquisa, acrescentamos algumas noções, oriundas da teoria psicanalítica. Segundo Gaufey (1992 apud ANDRADE, 2009), se de um lado, há a subjetividade que é dividida e fragmentada, do outro, há a identidade, que é múltipla, mutável, construída e desconstruída ao longo da vida do sujeito, a partir de identificações diversas que são processadas no inconsciente para tomar a forma imaginária de representações. Buscando subsídios para a questão do lugar ocupado pela língua francesa como língua estrangeira no Brasil, encontramos reflexões nos estudos de Cavallari (2004) que visam compreender o lugar da língua materna na constituição identitária do sujeito bilíngue (inglês e português). Em suas reflexões, a autora enfatiza o lugar de poder que, imaginariamente, propiciaria a ascensão social, atribuído à língua inglesa, na sociedade brasileira contemporânea. Segundo a mesma, a forte presença dessa língua em nosso meio “assegura a circulação de representações que passam a fazer parte da constituição identitária do sujeito da língua materna” (CAVALLARI 2004, p.171). Estudos como os de Cavallari dialogam com o presente trabalho, uma vez que ambos versam sobre o modo como as representações de uma LE possibilitam a produção de “efeitos de verdades” em nosso meio sócio-histórico. Em conformidade com os pressupostos teóricos adotados o aprendizado de uma língua estrangeira é compreendido, aqui, como uma experiência singular da qual fala Revuz:

é afrontar um espaço silencioso no qual é preciso se inventar para dizer eu, é fazer a experiência de seu próprio estranhamento no mesmo momento em que nos familiarizamos com o estranho da língua e da comunidade que a faz viver. (REVUS, 1998, p. 229)

Desse modo, aprender uma língua, é sempre tornar-se um outro, isto é, trata-se de uma experiência que coloca o aprendiz diante do estranhamento de si próprio, quer dizer, da (re)descoberta de si, vendo-se estranho a si mesmo, uma vez que suas representações identitárias estarão em constante transformação (CORACINI 2003). A inserção em uma outra cultura e esse estranhamento apresentam ao aprendiz uma nova percepção de si mesmo via LE. Este trabalho que objetiva problematizar a aprendizagem de uma língua

estrangeira, se ancora nas análises das representações que emergem no discurso do sujeito-aprendiz de LF. Ao refletirmos sobre o que significa, para esse sujeito, aprender uma LE, pretendemos desnudar as representações de LF que são constitutivas da identidade do sujeito-aluno do sexo masculino, no Brasil. Como já dissemos anteriormente tentamos, também, melhor compreender o porquê de a LF ocupar um lugar, marginal em nossa sociedade, em relação a outras línguas estrangeiras e, como tais, representações, bem como nosso contexto sócio-histórico, legitimam e reforçam este lugar. Em suma, buscou-se investigar quais representações o sujeito-aluno põe em funcionamento ao aprender a LF e o modo como tais representações incidem no processo de aprendizagem, bem como na constituição da identidade do sujeito-aluno desta língua.

Essas perspectivas teóricas que articulam discurso, sujeito e aprendizagem de línguas, fundamentam esta pesquisa. Acreditamos que a problematização da relação estabelecida entre o sujeito-aluno e a LF, a partir de suas representações, trará consequências positivas na prática dos professores de línguas, provocando questionamentos que os levarão a repensar sua maneira de conceber seus alunos, a língua que ensinam, a escola, a si mesmos, além de perceberem que ensinar uma LE é algo muito mais complexo do que parece. Tentamos apontar para estudos futuros que possam questionar metodologias e conceitos recorrentes no contexto escolar, tais como o de compromisso e o de aprendizado.

## 2. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, orientada pelos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa (ADF), é de natureza qualitativa de cunho interpretativista, uma vez que analisamos, discursivamente, os enunciados formulados por alunos de diferentes níveis de aprendizado de LF. Os registros para compor o *corpus* deste estudo foram coletados em uma escola particular de LF durante nossa própria prática pedagógica. Para essa coleta, foi utilizado um questionário composto de perguntas elaboradas para uma entrevista, gravada em áudio e realizada com 6 sujeitos-aprendizes de níveis variados de conhecimento de língua francesa (básico, intermediário e avançado), ainda que neste estudo apresentemos uma mostra de análise do discurso de quatro dos sujeitos pesquisados. As perguntas, tanto quanto os registros escritos, foram elaboradas de modo a levar estes aprendizes a discursivizarem sobre o que significa, para eles, aprender o francês, bem como o que pensam sobre França e sobre os falantes do francês. O material a ser analisado no presente estudo é um recorte de dizeres de aprendizes do sexo masculino, em virtude de os alunos homens sempre pareceram apresentar maior resistência, durante o processo em questão.

## 3. ANÁLISE DOS REGISTROS E RESULTADOS ALCANÇADOS

A seguir, apresentamos nossas análises, a partir das perguntas elaboradas para compor o nosso roteiro para entrevista. Os excertos analisados foram retirados, de transcrições de entrevistas gravadas em áudio. Nosso primeiro excerto analisado foi proferido por um aluno que chamaremos de SA. SA é adulto, possui formação universitária, mestrado, nível intermediário de conhecimento da língua francesa e responde

à pergunta: “Por que você escolheu estudar o francês?”. Dessa pergunta, obtivemos a seguinte resposta do sujeito:

*[E1] SA: Como a língua falada profissionalmente é o inglês/ mas há muito contato com as pessoas em francês/ eh/ eu/ notei que em algumas/ negociações eles falam muito em francês / então pra mim entender melhor essas situações eu/ comecei a me dedicar um pouco ao francês/*

Notamos que o sujeito, ao empregar a conjunção causal “como”, introduz seu discurso enfatizando que o inglês é a língua falada comercialmente e que isso é um fato conhecido por todos tal como formulado neste fragmento “*como a língua falada profissionalmente é o inglês*” [E1] SA. Servindo-se da conjunção “mas” que designa oposição, para introduzir sua frase *mas há muito contato com as pessoas em francês* [E1] SA, o sujeito sugere que o contato com as pessoas se dá pela LF, diferentemente da língua dos negócios, a língua inglesa, e que “algumas” negociações o levaram a dedicar-se, um pouco ao francês que, até então, parecia ter pouco espaço em sua vida, quando enuncia *comecei a me dedicar um pouco ao francês*.

Passamos a um exemplo de representação de língua francesa, associada à cultura e ao conhecimento. No excerto a seguir, proferido por SA, sujeito apresentado no excerto anterior, ao responder à pergunta: Como se sente estudando uma segunda língua?

*[E2] SA: Particularmente eu me sinto/ eh// até assim/ um/ um complemento a mais em relação aos/ aos meus conhecimentos/ a aquisição de uma cultura/ bastante diferente em relação a da língua inglesa e da língua portuguesa eh// além de que// me/ me traz/ um/ um/ ponto// de perspectiva maior em caso que eu tenha/ algum/ problema/ em relação à empresa X.*

Por meio da expressão *um complemento*, SA sugere que o aprendizado da LF não é algo fundamental, mas uma forma de complementar seu conhecimento. Além disso, a função profissional da LF parece ser bem pontual e até restrita. Nas palavras do sujeito, o apoio profissional que poderá buscar, na LF, só ocorreria no caso em que o sujeito *tenha/ algum/ problema/ em relação à empresa X*. Quando se trata da LF, as representações do sujeito remetem primeiramente à cultura (*a aquisição de uma cultura* [E2] SA) e aos conhecimentos pessoais, para expressar o sentimento que este tem em relação ao seu estudo da LF.

Por termos feito alusão à sonoridade da LF trazemos o enunciado a seguir proferido por um aluno, adulto, estudante universitário, de nível intermediário de conhecimento da LF, ao responder à pergunta sobre o que mais gosta de estudar em francês.

*[E3] SJ: O que eu mais gosto no francês é a fonética mesmo e é de ouvir os franceses se manifestando/[...] a fonética francesa é uma coisa tão elaborada como//uma arte assim né?*

Sob a ótica do sujeito, a LF com sua estrutura fonética elaborada permite-lhe ter acesso à arte pela sonoridade provocada. Essa aproximação e associação entre a LF e a arte, coloca-nos diante de uma concepção de língua associada à beleza que merece ser apreciada. Pelo uso do advérbio “tão”, para qualificar a intensidade da elaboração da fonética da língua em questão, SJ eleva a LF a um estado de técnica de articulação de difícil acesso que apenas se manifestaria de maneira tão encantadora, na boca dos franceses. SJ

---

<sup>1</sup> As barras representam as pausas de fala, feitas pelos entrevistados durante a entrevista.

não diz gostar de ouvir o professor, ele diz gostar de ouvir os franceses falando: *O que eu mais gosto no francês é a fonética mesmo e é de ouvir os franceses se manifestando* [E3] S]. Esse enunciado deixa transparecer que falar é manifestar-se e que a língua remete a uma obra que exige um trabalho engenhoso por parte do aprendiz que, ao estudar o som dessa língua, mostra-se desejante de uma manifestação fonética que ele ouve do outro: o falante de nacionalidade francesa. Estudar a língua estrangeira exigiria, portanto, um esforço para produzir o som que está fora dele e que só seria manifestado, de forma bela e adequada pelo falante nativo: os sons da LF exigiriam do sujeito um deslocamento em relação à sua subjetividade, para sair da condição de ouvinte-admirador desta língua melodiosa que causa deslumbramento.

Embora o enunciador enuncie sentir-se atraído pelo belo som dessa língua outra, o esforço exigido, segundo S], para articular corretamente seus sons, aponta para a incompletude do sujeito da língua materna e para o impossível de ser atingido: falar como um francês ou tal como um falante nativo. O sujeito vê-se interrogado em sua identidade, ilusoriamente completa, e desestabiliza-se nessa travessia fonética da língua materna para a estrangeira. A inacessibilidade à pronúncia desejada resulta no desencantamento que se confunde com o encantamento quando o sujeito se defronta com as dificuldades e impasses vivenciados no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira.

Para ancorarmos nossas reflexões acerca do desejo na/da LF, trazemos um excerto, proferido por um aluno adulto, com formação universitária e nível intermediário de conhecimento da LF, que responde à pergunta: por que você escolheu aprender o francês? Vejamos outra resposta à pergunta: por que você escolheu aprender o francês? SM, aluno adulto, aposentado, de nível básico de conhecimento de LF, com pós-graduação, diz:

*[E4] SM: quando eu estava no ginásio a minha mãe/ acho porque ela achava por ser uma língua bonita né? Eh// ai ela/ colocou uma professora particular/ [...] então desde garoto/ tive contato com a língua.*

Neste recorte discursivo, SM fala de seus primeiros contatos com a LF, cuja escolha se fez também via mãe, neste caso aquela que é autorizada a falar da beleza da língua pelo sujeito que, por sua vez, interioriza o desejo materno pela LF. O enunciador estabelece uma relação com a língua estrangeira, por meio de sua mãe, quando diz: *ai ela (a mãe) colocou uma professora particular/então/ desde praticamente garoto/ tive contato com a língua* [E4] SM. Podemos afirmar que essa língua fez-se presente na constituição da subjetividade de SM, como algo que o acompanha, que faz parte de si, desde garoto. Na familiaridade com a língua de escolha que sua mãe lhe apresentou e desejou, o enunciador vivencia a beleza de uma língua estrangeira ( *a minha mãe/ acho porque ela achava por ser uma língua bonita né?* [E4] SM) identificando-se com o desejo da mãe.

Abordaremos um outro excerto da fala de SS, aluno adulto, de nível avançado de LF, com formação universitária, empresário, aposentado, ao responder à seguinte pergunta: como você se sente estudando uma segunda língua?

*[E5] SS: depois de velho/de aposentado/ eu resolvi entrar na (nome da escola// e eu tenho já/ faz/ fazem mais ou menos 5 anos fiz todos os cursos/ eu/ aí o objetivo é completamente diferente não há objetivo imediato*

O excerto indica que a motivação para o aprendizado de uma LE é, geralmente, movido por um objetivo imediato, o que nos permite pressupor que SS já tenha frequentado cursos de outra(s) língua(s), que não a LF com tais objetivos, que nos leva a confirmar que o engajamento de SS com os estudos da LF está descomprometido com o ritmo de vida veloz presente na sociedade contemporânea. Assim, essa diferença, da qual fala o sujeito SS no E5: *ai o objetivo é completamente diferente*, adquire um valor que ressoa em um espaço que vai se tornando visível na borda das necessidades imediatas da sociedade: em nosso contexto social, a relação do sujeito com o tempo, para realização dos objetivos imediatos e muitas vezes profissionais, apresenta-se cada vez mais imprescindível. A fala de SS [E5]: *não há objetivo imediato* ressalta a ausência de um objetivo imediato em relação ao aprendizado da LF, sugerindo que esse aprendizado pode “esperar”. Por outro lado, o fato de não ter que cumprir um objetivo predeterminado torna este contato com a LF prazeroso: um contato feito por meio de uma escolha e que dura há 5 anos, embora tenha sido iniciado apenas num momento em que o aluno se permitiu escolher, em razão das imposições sociais e mercadológicas, a língua que deseja aprender. Pelas escolhas lexicais que o sujeito faz para se apresentar enquanto aprendiz de LF, como *velho, aposentado* [E5] SS, reforça as considerações anteriores. É bastante significativo, para compreender os questionamentos postos neste estudo, o fato de o aluno ter feito todos os cursos antes do francês e só se dar a oportunidade de aprender a LF, depois de velho e aposentado, uma vez que, enquanto jovem, o sujeito em questão, estava inserido no mercado de trabalho e se via compelido a atender à demanda já posta, aprendendo línguas que são consideradas mais úteis e hegemônicas como a língua inglesa, por exemplo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o contato com o corpus discursivo, vimos que questões relativas à fonética, embora relevantes na elaboração deste estudo, limitariam nossa análise, uma vez que não abordavam o lugar ocupado pela LF em nosso meio. Observamos nesse emaranhado de dizeres que, entre desejo e resistência ao aprendizado da LF, nos enunciados dos sujeitos analisados, emerge uma representação sobre a LF como aquela que, em sua estrutura, abriga “o” conhecimento trazendo à superfície a ideia de que a cultura é constitutiva desta língua que fala “o” saber. A essas associações acrescenta-se, como vimos nos enunciados abordados, a noção de que a beleza da LF se constrói também pelos significantes ou pela parte material da língua: sua fonética é tida como uma “obra elaborada” que exige, um trabalho artístico de articulação.

Essas representações implicariam sempre o adiamento do aprendizado dessa língua (depois do inglês) uma vez que o lazer e a cultura costumam vir depois das necessidades profissionais e funcionais. O aprendiz elege o trabalho como autoridade para decidir em que língua se tornar fluente primeiramente e a necessidade imposta pelo mercado de trabalho, em razão do contexto da globalização, traveste seu desejo em motivação. Os excertos abordados sugerem que a LF, ainda que seja representada como bela e culta, costuma ser estudada depois de outras LEs, representadas como mais funcionais e, portanto, situa-se à margem, uma vez que ocupa um lugar de língua segunda e, por vezes, terceira, devido às imposições mercadológicas e profissionais da sociedade atual. Tentamos apontar para estudos futuros que possam questionar metodologias e conceitos recorrentes no contexto escolar, tais como o de compromisso e o de aprendizado. Convém retomar, ainda, que a ADF possibilita a generalização dos resultados, quer dizer,

embora os enunciadores implicados nesta pesquisa sejam do sexo masculino, as representações de LF afetam e produzem sentidos também nas mulheres.

Com um outro olhar sobre o ensino e aprendizagem de uma LE, dentro de uma abordagem discursivista e pelo viés da psicanálise, tentamos mostrar como as representações são construídas e que tanto o professor quanto o aluno são efeitos dos discursos, seres tecidos pela linguagem.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliana Righi de. *Entre o desejo e a necessidade de aprender línguas: a construção das representações de língua e de aprendizagem do aluno-professor de língua inglesa*. 2008. 266f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

AUTHIER-REVUZ, Christine. A Língua Estrangeira entre o Desejo de um Outro Lugar e o Risco do Exílio. *In: SIGNORINI, Inês (Org.). Língua(gem) e Identidade*. São Paulo: FAPESP: Campinas (SP): Mercado de Letras, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

CAVALLARI, Juliana Santana. O Lugar da língua materna na constituição identitária do sujeito bilingue. *Trabalhos em Linguística Aplicada (TLA) Unicamp/ IEL,V.43-1*, p. 171-183, Campinas, 2004.

CORACINI, Maria J.R. (Org.). *O jogo discursivo na sala de leitura (LM e LE)*. Campinas: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. A Celebração do Outro. Coracini, Maria J. R. (Org.). *In Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades*. Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária,p.197-221 Campinas, 2003.

HALL, S. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*.Tradução Tomaz T. da Silva e Guarcira Lopes Louro.3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MELMAN, Charles. *Imigrantes: Incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. SãoPaulo: Escuta, 1992.

## Rose Mary SOARES MAURÍCIO

Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Bandeirante de São Paulo (1999) e graduação em Licenciatura em Letras – Primeiro Grau pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1987). É mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté – UNITAU. Atualmente é professora de língua francesa – Aliança Francesa de São José dos Campos.